

VISCERAL

mar em fúria

Depois de uma temporada sucesso de público e crítica em São Paulo, a mostra “Histórias às Margens”, de Adriana Varejão, acaba de desembarcar no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em uma entrevista exclusiva à *L’Officiel Brasil*, a artista plástica que está entre as maiores cifras do métier revela: “Sempre destruí as obras que não me satisfazem, mesmo sabendo que elas poderiam ter um valor de mercado.”

Por André RODRIGUES. Foto Christian GAUL.

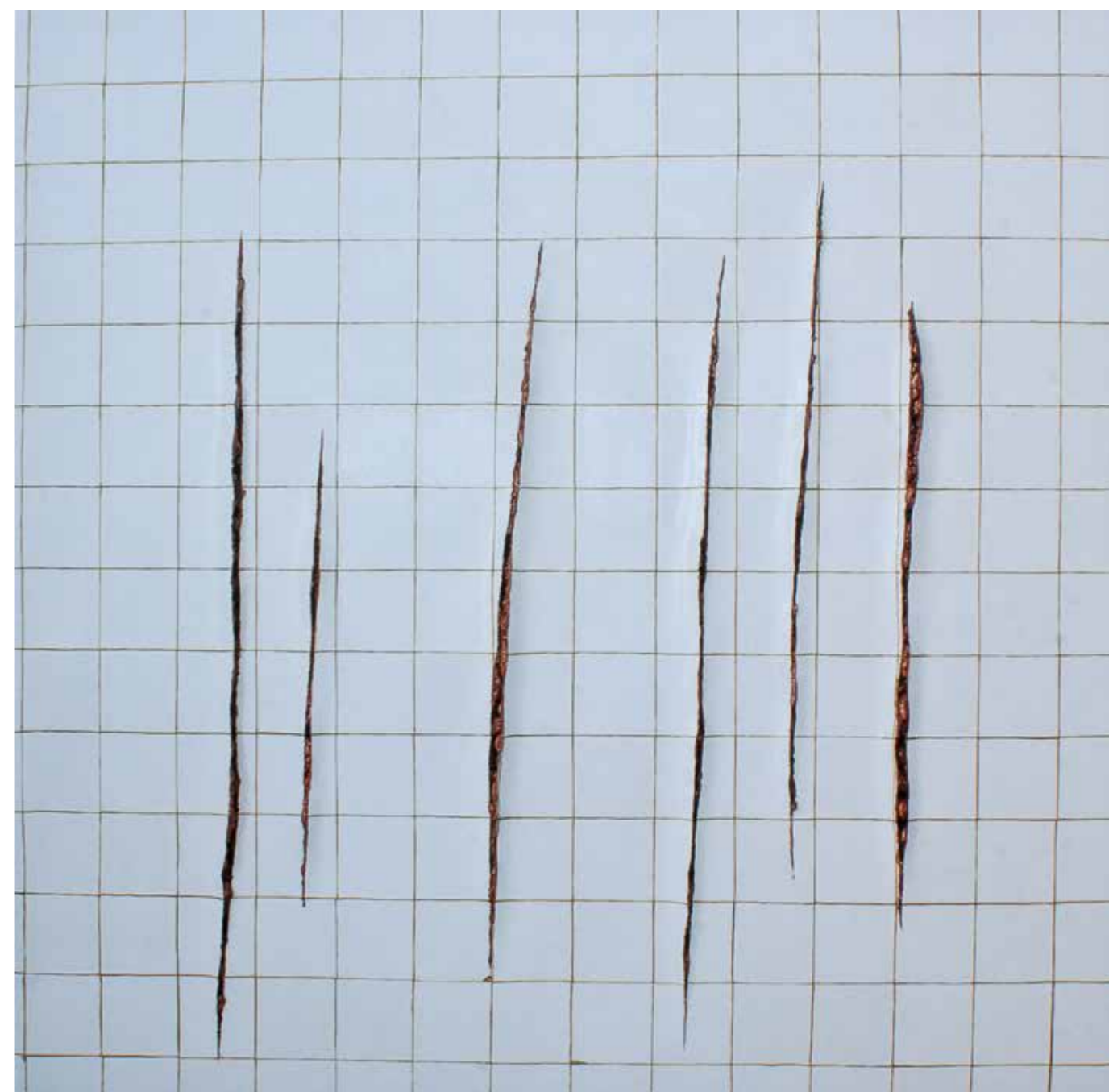


Desde que se entende por gente, Adriana Varejão vai à praia. “Ipanema mudou bastante desde os tempos do píer, mas o mar não muda. A paisagem não muda”, explica a carioca sobre a sua obsessão pelo oceano, um dos temas recorrentes em suas obras de arte, que já chegaram a bater a casa dos quase R\$ 3 milhões. “O meu mar é uma construção feita a partir de sensações acumuladas. As lembranças que tenho dele aparecem fluidas, desordenadas. Sinto o cheiro de maresia, o mar de Ipanema, o mar de ressaca, as pinturas de [José] Pancetti, o fundo do mar ao mergulhar com o meu irmão Luiz, o silêncio e as formas esponjosas, o mar de Alagoas e suas cores alucinantes, as algas às margens do mar dos viajantes na Ponta do [Cabo] Espichel, meu pai recitando Camões, os delicados mares de Bordalo Pinheiro, Vija Celmins, Caymmi e dos filmes ‘Menino do Rio’ e ‘E La Nave Va’. O mar que eu me lembro é a soma desses muitos mares.”

Porém, o recorte mais pop de seu trabalho está nas incisões sobre os painéis de azulejaria _sua fase mais amplamente divulgada pela imprensa e, conseqüentemente, mais conhecida



ACIMA, “AZULEJARIA AZUL EM CARNE VIVA” (1999): ÓLEO SOBRE TELA E POLIURETANO EM SUPORTE DE ALUMÍNIO E MADEIRA. À ESQ., “ANJO EM PEDAÇOS” (1992): ÓLEO E GESSO SOBRE TELA.



ACIMA, “PAREDE COM INCISÕES À LA FONTANA” (2000): ÓLEO SOBRE TELA E POLIURETANO EM SUPORTE DE ALUMÍNIO E MADEIRA. À ESQ., “MAPA DE LOPO HOMEM II” (2004): ÓLEO SOBRE MADEIRA E LINHA DE SUTURA.

pelo grande público. São aquelas obras em que azulejos _em painéis, murais ou telas_ aparecem eviscerados, revelando sob a superfície fria e geométrica um interior pulsante e caótico. Boa parte destas peças podem ser vistas até março deste ano no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que abriga “Histórias às Margens” _exposição que arrastou, em 2012, cerca de 60 mil visitantes ao Museu de Arte Moderna de São Paulo. Ao todo, 40 obras concebidas ao longo de 21 anos ocupam o foyer e a sala monumental do museu carioca.



NESTA PÁG.,
"ESPÉCIMES DA
FLORA" (1996):
ÓLEO SOBRE TELA E
COURO SINTÉTICO.

Em uma entrevista exclusiva à *L'Officiel Brasil*, Adriana Varejão entrega, entre curiosidades e desabafos, o real sentido de seu trabalho.

Em que momento da sua vida você percebeu que viveria de arte?

Em algum momento eu percebi que não poderia viver sem a arte. Entrevi uma vida mais plena, mais vida que a vida, repleta de si, em que cada instante estava impregnado de sentido. Esse é o verdadeiro sentido de "viver de arte".

Os críticos apontam a teatralidade do seu trabalho, a mise-en-scène. Como você define esse traço?

Meu trabalho se dá no reino da ficção. Esse é o ponto de partida para a minha atividade criadora. Tem a ver com a minha técnica poética, que morre quando o quadro adquire vida própria. Os críticos tentam explicar um processo que já aconteceu, fazem um esforço para mapear a matéria poética.

"Não tenho metodologia, nem sou apaixonado. Pintar é transcender qualquer metodologia. Cada quadro precisa ter uma lógica própria, que jamais vai se repetir."

Você enxerga nas suas obras os aspectos apontados pela crítica? (Ficção histórica, barroco, desejo, crueldade, violência...)

Enxergo, mas todas estas definições só me interessam quando a obra está finalizada. No momento de criação da obra não há nenhum conceito que a aprisione. A arte é um campo aberto de possibilidades.

Existe um método no seu trabalho?

Não tenho metodologia, nem sou apaixonado. Eu diria que possuo uma técnica poética, uma linguagem. Mas não uma receita. São coisas que invento para mim mesma, que só servem a mim e que morrem no instante em que a obra começa a ser criada. Pintar é transcender qualquer metodologia. Do contrário o artista se transforma em um produtor de artefatos. Cada quadro precisa ter uma lógica própria, que jamais vai se repetir. Cada obra precisa ser única.

O que mudou no seu trabalho nos últimos 20 anos?

Meu trabalho muda o tempo todo, embora seja possível identificar muitos elementos semelhantes que ecoam através do tempo. Nessas duas décadas, busquei uma pluralidade muito grande de sentidos. Isso faz com que seja cada vez mais difícil descrever a minha obra.

E o que mudou no panorama das artes no Brasil nesse mesmo período?

Me interesse cada vez menos pelo panorama. Gosto de pontos isolados, de alguns artistas, de alguma exposição, de algum museu. Dizem que o Brasil enriqueceu, que estamos mais fortes, menos periféricos. Isso não atinge a minha obra. Continuo pintando da mesma maneira que sempre pinte.

Hoje você está entre os artistas mais influentes do século 21. Você imaginou que chegaria lá?

Estou? Quem disse isso? A história só se escreve com o tempo, quando os artistas já estão mortos e quando sua poética virar alimento para outros



"Dizem que o Brasil enriqueceu, que estamos mais fortes, menos periféricos. Isso não atinge a minha obra. Continuo pintando da mesma maneira que sempre pinte."

artistas. Eu, humildemente, só quero chegar ao final de cada obra com o máximo de potência que sou capaz de conseguir.

Qual é a etapa mais desafiadora do seu trabalho?

Geralmente é o início, com o campo em branco. É ter de eleger algo a ser feito diante de um infinito de possibilidades. Isso é muito difícil. Raramente parto para um quadro já com uma ideia pronta do que ele vai ser. Há muitas modificações no caminho. Os quadros têm personalidade própria e, assim como as pessoas, podem ser dóceis ou rebeldes.

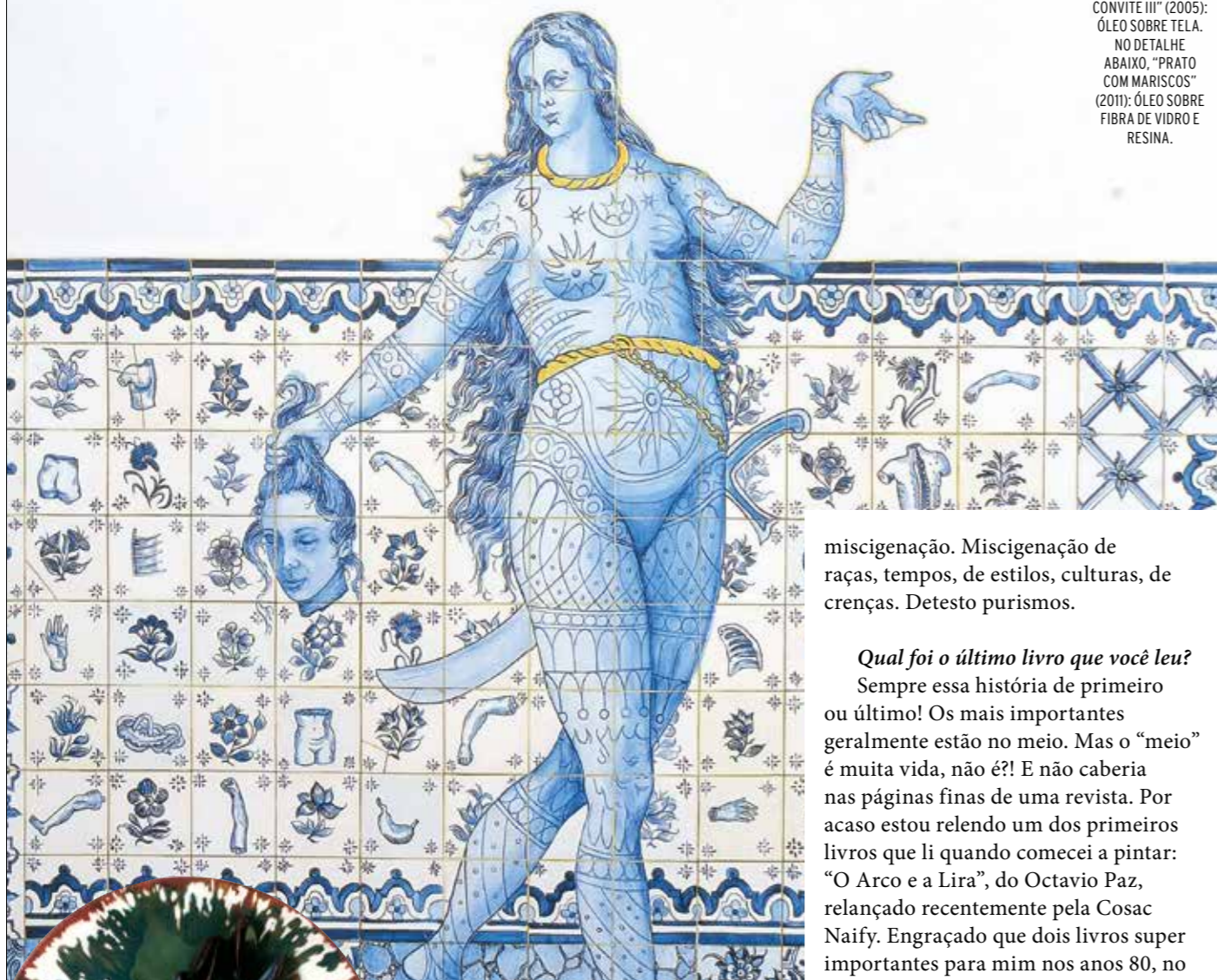
Qual obra você considera a sua pièce de résistance?

Meu próximo trabalho, sempre. Atualmente são as "Tintas Polvo", que vou lançar no próximo semestre. Não consigo pensar em outra coisa.



NO TOPO DA PÁG., "O CONVIDADO" (2005): VISTA DA EXPOSIÇÃO NA GALERIA FORTES VILAÇA. ACIMA, "AZULEJOS" (1988): ÓLEO SOBRE TELA. À ESQ., OBRA DA SÉRIE "LINDA DA LAPA" (2004): ÓLEO SOBRE ALUMÍNIO E POLIURETANO.

AQUI, "FIGURA DE CONVITE III" (2005): ÓLEO SOBRE TELA. NO DETALHE ABAIXO, "PRATO COM MARISCOS" (2011): ÓLEO SOBRE FIBRA DE VIDRO E RESINA.



Você repudia algum trabalho que tenha feito?

Sempre destruí as obras que não me satisfazem, mesmo sabendo que elas poderiam ter um valor de mercado.

No entanto, percebi que é importante ter compaixão pelo próprio passado e entender que nem todas as obras são obras-primas. Às vezes elas apenas apontam para possibilidades interessantes. E só veremos isso com o tempo.

O que você pretende comunicar com o seu trabalho?

Se há algo que minha obra pretende comunicar, e que poderia ser visto como um tema recorrente, é a ideia da

“Se há algo que minha obra pretende comunicar, é a ideia da miscigenação. De raças, tempos, estilos, culturas, crenças.”

miscigenação. Miscigenação de raças, tempos, de estilos, culturas, de crenças. Detesto purismos.

Qual foi o último livro que você leu?

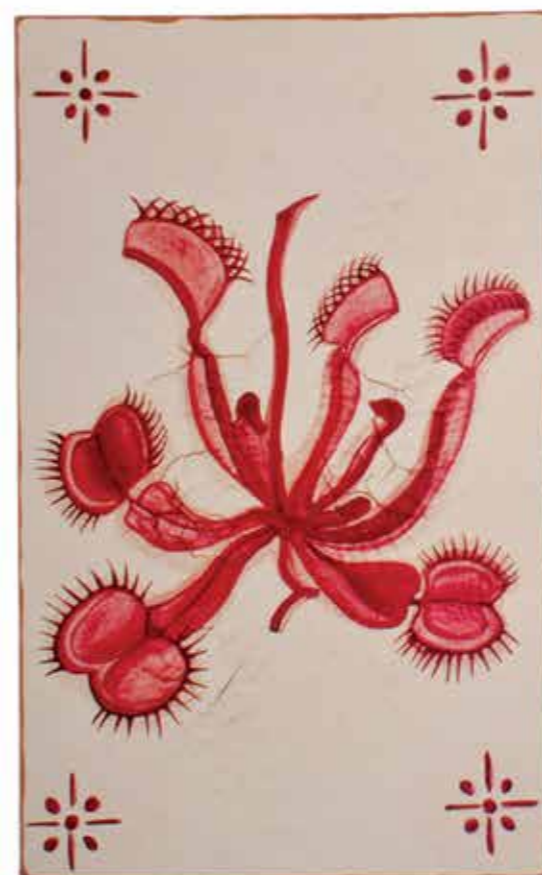
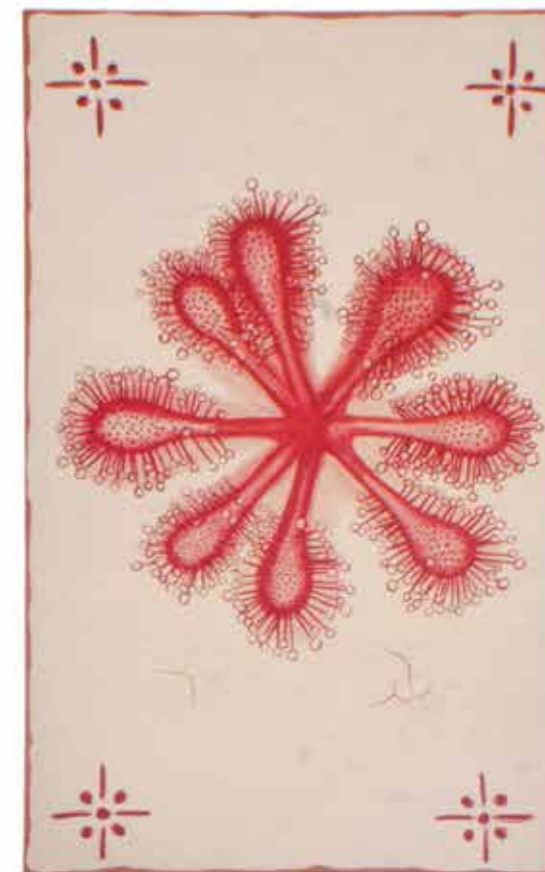
Sempre essa história de primeiro ou último! Os mais importantes geralmente estão no meio. Mas o “meio” é muita vida, não é?! E não caberia nas páginas finas de uma revista. Por acaso estou relendo um dos primeiros livros que li quando comecei a pintar: “O Arco e a Lira”, do Octavio Paz, relançado recentemente pela Cosac Naify. Engraçado que dois livros super importantes para mim nos anos 80, no meu início, foram de crítica literária. Foi este e outro, chamado “Escritos Sobre um Corpo”, do Severo Sarduy. Sempre pensei na pintura como sendo uma poética.

E qual foi o último filme que você viu?

Último filme? Por que o último?! Aquele que peguei distraída na prateleira da videolocadora? Já vi tantos filmes na vida que me tiraram o fôlego, de cineastas como [Peter] Greenaway, [David] Cronenberg, [Derek] Jarman, [David] Lynch, e você quer saber apenas do último... Pois devo lhe dizer que não gostei do último que vi ontem. E dormi antes do final.

ONDE VER ADRIANA VAREJÃO

“Histórias às Margens”, de 16 de janeiro a 10 de março de 2013 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. mamrio.org.br | Tel: (21) 2240-4944



NESTA PÁG., PINTURAS DA SÉRIE “CARNÍVORAS” (2008): ÓLEO E GESSO SOBRE TELA.